

Rep e repressão: uma rima quebrada

RÔSSI ALVES GONÇALVES*

RESUMO: *A proposta de artigo baseia-se no estudo das relações entre rep brasileiro em suas reflexões sobre as instâncias de repressão, em especial, a polícia. A partir de letras de música e rimas – criadas nas manifestações culturais urbanas –, objetiva-se construir um breve recorte das complicadas formas de contratos entre política de segurança e a arte de rua. Entendendo que a rima é, normalmente, o único instrumento de fala dos artistas do rep, e dado que essa belicosidade não é recente na trajetória do movimento, é fundamental verificar como se dão e se atualizam os modos de enfrentamentos aos aparelhos de repressão.*

PALAVRAS-CHAVE: *rep; repressão; enfrentamentos.*

Rap and repression: a broken rhyme

ABSTRACT: *The purpose of this article is based on the study of the relations between the Brazilian rap and its reflections on the instances of repression, especially with the police. From the lyrics of the songs and rhymes - created in urban cultural manifestations, the objective is to build up a brief cut of the complicated forms of contracts between security politics and street art. The understanding that rhyme is usually the only instrument of speech of these urban rap artists, and considering this bellicosity is not recent in the trajectory of the movement, it is fundamental to verify how the forms of confrontation with the apparatuses of repression are given and updated.*

KEYWORDS: *rap, repression, confronting*

* **Rôssi Alves Gonçalves** é Professora do Programa de Pós-graduação em Cultura e Territorialidades e do Curso de Produção Cultural da Universidade Federal Fluminense, pesquisadora de arte urbana, em especial, das rodas culturais do estado do Rio de Janeiro. **E-mail:** rossialves14@gmail.com

Rep¹ é compromisso?

“Há uma voz que soa/ uma voz que grita/ são vozes que dizem:/ Vá em frente! Acredita!” (Odisseia das flores.²)

Foi recorrente, por muito tempo, a fala, proferida sem uma reflexão mais apurada, sobre a pouca participação política dos jovens. A base para tal observação, via de regra, era um olhar que privilegiava um modelo convencional de atuação política, viabilizado através de instituições, partidos políticos, igreja, sindicatos. Residia nessa fala uma dificuldade e até mesmo resistência em perceber que, embora métodos mais antigos de fazer política não estivessem caducos, já se desenhavam outros modos de posicionamentos que atraíam e engajavam segmentos mais jovens, de forma mais intensa, criativa e convidativa.

Mais propriamente a partir de 2013 com as manifestações no espaço público – acontecimentos que envolveram uma quantidade extremamente significativa da sociedade brasileira –, temos um rearranjo no campo da organização de movimentos políticos.

Neste artigo, a participação política será compreendida como posição pública acerca de questões emergentes, práticas cotidianas, posicionamento das estruturas sociais e econômicas erigidas. Embora, comumente, o debate sobre o político configure-se dentro do campo do litígio, intenta-se discutir as possibilidades que os usos da palavra, em especial na música rep, têm independentemente de se instaurar na zona de conflito com posicionamentos divergentes.

Sobretudo nas últimas décadas, tornou-se mais evidente um processo de realocação dos lugares de fala. E até mesmo de inauguração de um lugar. Estou me referindo à possibilidade que sujeitos da periferia estão conquistando para expor suas vivências. Movimento que aponta para a necessidade de rever como as novas práticas de reflexão sobre sociedade, arte e política encontram respostas e adesão. Essas conquistas têm sido especialmente observadas na Literatura. Porém, chamo a atenção

¹ Opto pela forma “rep” em detrimento de “rap”, tendo em vista ela assim ser defendida por muitos integrantes do movimento carioca e por considerá-la mais aderente ao formato que este movimento cultural adotou no Brasil – ativista, irreverente, preocupado em criar uma estética brasileira.

² Disponível em: <<https://www.youtube.com/shared>>. O grupo de rep Odisseia das Flores é formado por Jô Maloupas, Chai, Letícia, e tem uma marca de luta pela valorização da mulher, unindo arte e ativismo.

para a notoriedade que vêm ganhando algumas formas de arte – como o funk e rep.

Os anos 2000 deixam uma marca indelével na história das narrativas de periferia. Neles, as vozes marginalizadas e/ou inaudíveis da cultura não-canônica deram início a um protagonismo que atualmente não é possível desconsiderar.

A literatura marginal, em São Paulo, foi o grande ícone dessa construção de um lugar por aqueles a quem sempre fora assegurado um posto de espectador de sua história. E o movimento hip hop teve liderança marcante na organização política e cultural da periferia, conforme o escritor Ferréz reconhece, em entrevista ao *Diário da Região*:

Acho que a literatura já tem um tempo que ela entrou nesse engajamento e pessoas tanto como eu, como o Sérgio Vaz, como o Sacolinha, Alessandro Buzo, Rodrigo Ciríaco, todos nós de certa forma pegamos esse engajamento e tocamos o bonde pra frente.

Acho que a gente pedia licença antes pro hip hop pra participar, hoje o hip hop pede um aparte também para participar com a gente. Acho que tem um respeito mútuo aí, a gente aprendeu muito com o hip hop, mas hoje a literatura marginal, a literatura periféri[c]a, ela tem também sua própria voz, tem um engajamento próprio. (DO CAPÃO, 2015)

Dentre os muitos movimentos que conquistaram um lugar de relevo na esfera da cultura, detenho-me mais propriamente no rep e funk, expressões culturais de jovens de territórios periféricos e que, nos últimos anos, precisaram se reconstruir através da busca de estratégias de visibilidade e de negociações. Percurso conturbado, tendo em vista que, em consonância, os mecanismos de marginalização e repressão recrudesceram.

No Rio, o conflito com essas expressões culturais dá-se pela proibição de bailes funks nas comunidades e pela repressão à ocupação do espaço público pelo movimento rep. Entretanto, dado que o campo da cultura apresenta-se como processo social, tal situação de silenciamento não se fixa: vive-se na cidade carioca um constante reordenamento dos lugares sociais. Como numa batalha de sangue (modalidade artística que consiste num concurso de rimas, em que ganha o que melhor souber depreciar o adversário), polícia e outras instâncias repressoras vêm disputando posições na cidade com os jovens. No primeiro *round* da batalha, vitória para os instrumentos de repressão; no segundo *round*, vitória para as reelaborações das culturas

juvenis e suas articulações com o poder público; o terceiro *round* está em curso, mas já aponta vantagem para artistas e produtores que estão se reinventando.

Hip hop é o movimento cultural surgido nos anos 1970, na periferia dos EUA, que abarca o grafite, o break (a dança) e o rap (o canto falado que requer a participação do MC – mestre de cerimônia- e Dj – disc jockey) (cf. FELIX, 2005). O rep é o elemento mais conhecido e que terá evidência neste texto, porque vem, na última década, colocando em disputas ideologias, territórios, gerações, eventos, de um modo mais explícito do que nas décadas anteriores. As outras artes que compõem o movimento têm papel assegurado de relevância na luta pela transformação social. Porém, aqui, utilizarei apenas as rimas do rep.

Uma manifestação cultural muito em destaque atualmente, no Rio de Janeiro, é a roda cultural.³ E através desse esclarecimento, divulgado na rede social *facebook*, por um dos produtores da Roda Cultural do Meier, identifica-se como são pensados os ensinamentos do movimento hip hop, bem como o espaço da roda como propulsor dessa cultura:

Nosso dever é com a cultura
 Nosso dever é passar informação
 Nosso dever é tornar um espaço que era abandonado, em um lugar agradável e comum a todos.
 Nosso dever é tornar conhecido, artistas que nunca tiveram a oportunidade de mostrar o que sabe, exibir seu talento para que um possível contato profissional possa acontecer (Don Allan Marola.)⁴

Assim, estou considerando, como atuação em prol do social, as diferentes formas artísticas encontradas nas letras de música, na rima improvisada, na organização das rodas culturais e batalhas de rima.

A Roda Cultural contempla várias atividades artísticas, inclusive, batalha de rima. Por ser uma ocupação das ruas, aberta a qualquer arte, sem delimitações, o espaço cultural formado pela roda abrange grafite, apresentações musicais, *slackline*, feira de livros, sarau, performances, exposições, fotografia e outras artes. A Batalha de Rima é a disputa de MCs, que apresentam o *freestyle*, de acordo com temas pro-

³ Essa manifestação cultural cresce bastante no estado do Rio de Janeiro. No mapeamento da pesquisa que coordeno constam, atualmente, cerca de cem rodas culturais. Dados disponíveis em: <<http://www.artederaeresistencia.com.br/>>

⁴ Disponível em: <<https://www.facebook.com/RodaCulturalDoMeierCcrp>>. Publicado em 21 de maio de 2015.

postos pelo público – batalha de conhecimento – ou a elaboração da rima, visando destituir o adversário – batalha de sangue. O atrativo das batalhas de MCs é sempre o concurso de rimas.

Há uma performance destacada pela música e pelas rimas, que é a maneira de se situar diante de um tema polêmico, que enseja posicionamento ideológico. Vai além de pensar a performance como malemolência do corpo, luz, sons externos, gritos da plateia, gestos, movimentos do público, enfim, todos os elementos que compõem a literatura oral, muito bem definidos por Zumthor (2010). Essa performance, verificada na apresentação dos MCs, nas ruas – nas rodas culturais e batalhas de rima –, cria tensões que nos últimos tempos são evidenciadas nas redes sociais. Geram *posts* e centenas de comentários. E outros *posts*-respostas. Apesar de criar certa animosidade entre os membros do movimento hip hop, tal ação “obriga” a um posicionamento que provoca o crescimento de seguidores e ajuda a configurar personagens importantes para a cena.

O ano de 2013, com suas manifestações públicas, a princípio contra o aumento das passagens de transportes públicos municipais e, mais adiante, com pautas amplas e variadas, ensejou um desejo de mudanças sociais que levou milhares às ruas em todo o Brasil. Esse impulso revelou as inúmeras possibilidades de alguém se colocar diante do panorama sociopolítico. E, assim, artistas que até então eram identificados apenas pela arte, no caso, por suas rimas e ritmos, tomaram posições. E estas nem sempre foram afinadas com as propostas do hip hop, haja vista a participação de alguns MCs na convocação do MBL.

O rap no Rio de Janeiro assume a função de levar a consciência de raça e classe para a população preta pobre e marginalizada daquela cidade. Essa atitude, tanto em São Paulo como no Rio de Janeiro, propiciou que os grupos de rap mantivessem uma profunda ligação com ideais políticos e ideológicos do Hip Hop nacional, que foram se afirmando aos poucos como a luta pelo fim do preconceito, do racismo, da violência policial e também o término das desigualdades sociais existentes nas periferias das cidades brasileiras, de onde a maioria desses grupos surgiu (FELIX, 2005, p.124).

Em 2015, o MBL, Movimento Brasil Livre - “uma entidade que visa mobilizar cidadãos em favor de uma sociedade mais livre, justa e próspera”⁵, – engendrou

⁵ Disponível em: <<https://www.facebook.com/mblivre/>>

as manifestações pelo impeachment da presidenta Dilma e convidou alguns MCs bastante famosos na cena alternativa para gravar um vídeo para o movimento Vem pra rua - “VemPraRua manifestar sua indignação conosco. Nossa bandeira é a DEMOCRACIA, a ÉTICA NA POLÍTICA e um ESTADO EFICIENTE e DESINCHADO”⁶. Fizeram parte deste vídeo extremamente polêmico, que investia no impedimento da presidenta eleita democraticamente, e que provocou manifestos extremos, os MCs Buddy Poke, Caio Kacurin, Maomé, Estudante e Gok. Nenhum desses MCs, até então, ocupava, nas redes sociais, um espaço formador de debate. Possuíam centenas de seguidores, porém, eram MCs competentes, artistas em destaque, alguns vencedores talentosos de batalhas de rima. O alcance que seu debate político tinha era curto. Como formadores de um campo discursivo ideológico, restringiam-se a uns poucos fãs bem jovens, muitos sem direito, ainda, a voto.

A maioria dos que problematizaram o vídeo nas redes sociais, em especial no *facebook*, criticou a postura dos MCs, ressaltando o erro em aderir a uma campanha classificada como golpista, preconceituosa e que culpabilizava o governo por aquilo em que o investimento havia sido melhor - as pautas sociais. Os debates foram acalorados, criaram inimizades, promoveram um manifesto do qual fui signatária, junto com personalidades da cultura urbana. Acionar essa memória do vídeo, muito em contrariedade ao posicionamento ideológico que tenho, coopera, neste trabalho, para explicar as possibilidades de fazer política, sobretudo, para a nova geração de MCs e fãs do hip hop.

Entretanto, este trabalho quer também apontar que, se há comportamentos em dissonância com uma ideologia originária do hip hop, há outros que, não seguidores de uma norma hip hop, podem ser efetivos, atuantes e congregadores. Isto é: podem ser até mais eficientes que uma narrativa política tradicional, sobretudo em tempos de redes sociais e seu tamanho lugar na vida das pessoas.

Em outras situações, até naquilo em que se vê, a princípio, assentimento e passividade, ou indiferença política, pode-se identificar elementos de uma inserção não tão pacífica nos meandros da vida social. Efetivamente, o desacordo não precisa irromper em esferas do político para ser uma forma de agir politicamente. (CAMARGOS, 2015, p. 25).

⁶ Disponível em: <<https://pt-br.facebook.com/VemPraRuaBrasil.org/>>

Nesse sentido de entender o rep em consonância com um pensamento crítico, há uma instância pública que é recorrente nas mensagens, a polícia. Pretende-se identificar a representação da polícia pelo rep, as denúncias, os movimentos de fabulação, os contratos que precisam ser estabelecidos, a fim de que a cena prossiga, bem como as formas de resistência.

Articulações necessárias

Em 2013, o CCRP – Circuito Carioca de Ritmo e Poesia –, coletivo promotor das primeiras rodas culturais na cidade do Rio de Janeiro, organizou dois eventos de rep, com participações de artistas da nova e velha cenas. Houve batalha de rimas, *freestyle* e apresentação musical. Um dos eventos ocorreu na lendária casa de shows Circo Voador e o ingresso de entrada era um livro que pudesse ser doado depois nas rodas culturais. O evento, bem divulgado e com convidados famosos, lotou a casa cedo e deixou centenas de jovens e adolescentes do lado de fora, insatisfeitos e exaltados.

O segundo evento, semanas depois, aconteceu na Praia de Botafogo, local de realização da famosa Roda Cultural de Botafogo. E teve em sua programação a banda musical da Guarda Municipal. Logo que apresentada a agenda de shows, diversas pessoas – artistas, público de rep – passaram a postar críticas e ironias nas redes sociais, condenando a participação de uma instância tão atuante na repressão às rodas culturais, a guarda municipal.

A apresentação ocorreu sem os incidentes esperados, como vaias e outras formas de rejeição. Porém, uma foto do Dropê Comando Selva, um dos idealizadores do CCRP, ao lado de um músico saxofonista da banda da Guarda Municipal, em que os dois faziam um dueto, foi compartilhada e duramente criticada, por alguns dias, nas redes sociais. Muitos viram naquela inusitada parceria e na inclusão da banda no evento uma subserviência ao estado. Comportamento, para alguns, em total desacordo com o que o movimento hip hop propaga.

Nessa querela, alguns membros do CCRP buscaram atenuar o inusitado, considerando que, sendo o evento de arte uma perspectiva de ampliar o acesso e par-

ticipação da comunidade, e tendo a guarda municipal um conhecimento tão estreito sobre as rodas culturais, aquele encontro poderia ajudar a instituição a rever o seu olhar sobre a arte de rua. Isto é, o encontro de músicos – MCs e banda da guarda municipal – seria uma forma de negociação simbólica necessária em tempos de tamanho desconhecimento e preconceito com as rodas culturais.

Em outra ocasião, esta envolvendo a participação de coletivos organizadores de rodas culturais em editais da Secretaria Municipal de Cultura do Rio de Janeiro, em 2015 e 2016, a repercussão, mesmo que restrita a poucos, foi intensa e convergiu no sentido de ver incoerência nos grupos que concorriam a um edital de uma instância de poder que, comumente, não age em apoio ao rep, seja este através de rodas culturais ou outros eventos.

Mais uma vez foi necessário aos proponentes criticados e acusados de, ao receberem verba pública, serem coniventes com as ações do prefeito Eduardo Paes, rebaterem as críticas, colocando a importância para a arte de rua de uma quantia (cerca de 20 mil reais) que auxiliaria na compra de bens duráveis, pagamento de artistas, produção de grandes eventos. Ou seja, esclarecer que disputar um dinheiro público, sob a forma de edital, não equivalia a cancelar uma política governamental, mas disputar hegemonia, dizer o que era a roda cultural. Ou, como Hall nos ajuda a pensar, eram articulações necessárias, em dado momento:

(...) as estratégias culturais capazes de fazer diferença são o que me interessa – aquelas capazes de efetuar diferenças e de deslocar as disposições do poder. Reconheço que os espaços “conquistados” para as diferenças ainda são poucos e dispersos, e cuidadosamente policiados e regulados. (...) sei que eles são absurdamente subfinanciados, que existe sempre um preço de cooptação a ser pago quando o lado cortante da diferença perde o fio na espetacularização. Eu sei que o que substitui a invisibilidade é uma espécie de visibilidade cuidadosamente regulada e segregada. Mas simplesmente menosprezá-la chamando-a de “o mesmo”, não adianta (HALL, 2003, p 339).

Trava-se uma batalha ideológica, da modalidade sangue, nas redes sociais cotidianamente. Batalha de normatização do comportamento dentro do mundo rep carioca, em que se acredita, ainda, que há poucas formas de fazer política efetiva e transformadora.

Rep e denúncia

Há muito tempo, rolé na rua, conversa fiada na calçada...
 Hoje em dia nossa infância está sendo alvejada
 Balas amargas, recheadas de zica
 Achadas perdem a vida, aí
 Choram famílias aqui, ninguém faz nada
 Neguinho fala, fala, dizem que eu sou revoltada
 “Qual é da parada!?” Por aqui nada mudou...
 Exclusão na inclusão, segregação não é caô!
 Implantaram a UPP, safári pra gringo vê
 Na selva o negócio é pedra, por dinheiro e prazer
 Tem quem reza, tem quem chora
 Quem implora, quem não crê
 Quem sorri, quer ser free, quando a bala comer
 (Negra Rê⁷. “ÓI os Homi – Produto Interno”) ⁸

O rep, ritmo e poesia, ocupa com grande visibilidade muitos outros espaços além de São Paulo, reconhecidamente o berço do gênero. E é, de acordo com o site *Spotify*, o tipo de música mais ouvida no mundo (RAP, 2015).

Na cidade do Rio de Janeiro o que se vive é bastante diferente de qualquer efervescência já experimentada. Mesmo em se pensando nos tempos em que a Sinuca da Lapa, o CIC (Centro Interativo de Circo, que funcionava numa sala da Fundação Progresso) e arredores fomentavam a cena com suas batalhas e rodas de rima, os últimos anos têm levado centenas de pessoas aos shows, às rodas culturais e batalhas de rima, a consumir produtos – como roupas, bonés, CDs, uma moda rapper – e, principalmente, têm apresentado o rep a um público que, quando muito, conhecia Racionais MCs, e agora pode ouvir outros artistas da cena independente, tais como MC Marechal, Yzalú, Issa Paz, Funkero, Taz Mureb.

Parcerias entre artistas também vêm sendo estabelecidas, sobretudo com músicos do movimento funk, com grande reconhecimento pela mídia e pela crítica, e *rappers*. E se estas duplas (por exemplo, Filipe Ret e Ludmilla, Projota e Anitta) põem em debate o quão são válidas para o gênero rep ou se só existem para dar visibilidade

⁷ Negra Rê identifica-se como “MC, compositora, dreadmaker, poetisa, militante das causas extremamente necessárias para evolução humana.” É também uma das mais respeitadas e competentes MCs do RJ e campeã de batalhas de rimas. Recentemente, anunciou que se afastaria dos palcos e causou enorme comoção nas redes sociais, sobretudo pela falta que sua militância e talento singulares fariam.

⁸ Disponível em: <<https://www.vagalume.com.br/produto-interno/oi-os-homi-part-funkero-negra-re-e-ghetto.html>>

de maior ao *rapper*, elas trazem para o público do funk e, mais ainda, para um público mais abstrato, menos afeito à música juvenil, o conhecimento do rep e, por extensão, do movimento hip hop. Não falo de um conhecimento formal, daqueles que se adquire através de livros, pesquisas, debates, mas de acesso à produção musical, agenda de shows, eventos.

Nesse sentido, em que o ritmo ganha novas plataformas e se torna um som de todas as gerações, sua poesia passa a ter longo alcance e temas polêmicos são debatidos dentro de uma pluralidade que vejo como importante e enriquecedora para o movimento hip hop. Gênero – cujo debate é essencial ao hip hop, ainda tão conservador, machista e insensível às pautas feministas –, periferias, políticas públicas de segurança, de cultura e outras pautas que cotidianamente nos interpelam são temas em disputa no rep.

Há assuntos, no entanto, como polícia, milícia, guarda municipal, que são sempre tratados pela mesma perspectiva: de quem é reprimido, violentado, silenciado constantemente. Assim, esses aparelhos de repressão promovem certa unificação na produção poética do rep.

Tem-se, então, na formulação crítica a essas instâncias, o rep como fabulação, espaço de revanche, de igualdade de direitos, de cidadania. Ainda que estas construções literárias se deem por vias pouco consensuais, às vezes pela violência, é uma construção possível em meio às tantas violências sofridas. É o rep como instrumento de conscientização, de ativismo, denúncia, conquistas, como se observa no fragmento abaixo, de autoria de Tássia Reis, cantora paulista que tem uma contundente fala em defesa das causas feministas e de outros segmentos marginalizados):

Abusam, humilham/ Tiram a gente de loco / Me matam todo dia mais um pouco/
A cada Cláudia morta, a cada Alan morto/ Se não bastasse essa injustiça e toda dor/
Transformam adolescentes em um filho da puta de um malfeitor (Tássia Reis, “Da lama”)

Observa-se que o ponto de vista é de alguém incessantemente reprimido, que tem relatos acumulados sobre arbitrariedades policiais. É o preto, pobre, favelado, o *rapper*, o produtor de cultura de rua, alguém em situação desprivilegiada socialmente e que, através das rimas, pode verbalizar suas insatisfações com o aparelho policial, dividir as angústias por uma situação recorrente de desrespeito, em que o

sujeito é humilhado por seu lugar de classe, cor e, muitas vezes, de profissão. As falas poéticas acusam as relações de ódio, de extorsão, de afetos tragicamente desfeitos, de coragem e resistência que precisam ser acionadas para a sobrevivência. Cacife Clandestino é uma banda de rep, originada na zona sul carioca, e que aborda temas diversos. Muito embora a pegada crítica não seja a sua mais evidente elaboração, o grupo, no trecho a seguir, ilustra sensivelmente a desesperança dos habitantes das grandes cidades:

O menor abraça o seu pai que a vida a polícia já tirou/ Na beira da estrada das ilusões onde a inocência o tempo levou/ Nos arranha-céus as estrelas têm preço/ Enquanto nas favelas, ruas sem endereço/ Realidade da cidade de calamidades onde eu suponho/ Enquanto não houver a igualdade, a paz será um sonho/ Na cidade vazia. (Cacife Clandestino, “Cidade vazia”)⁹

Ora a polícia é identificada como alguém que só deseja atrapalhar, “atrasar” o indivíduo, ora a instância que tem a “autorização” do Estado para matar. Que propõe em lugar de um Estado de Direito, o Estado Policial, em que toda barbárie é permitida. Assim, através de uma poesia ácida, Racionais MCs, o mais notável grupo brasileiro de rep – oriundo da periferia de São Paulo – dialoga sobre a vida de pobres, pretos e moradores das áreas periféricas: “Ah, a polícia sempre dá o mau exemplo,/ lava minha rua de sangue,/ leva o ódio pra dentro, pra dentro,/ de cada canto da cidade,/ Pra cima dos quatro extremos da simplicidade” (Racionais MCs, “Mágico de Oz”)¹⁰.

A representação da polícia, nas letras de rep, identificação que pode ser estendida a outros aparatos públicos de repressão, não se coaduna com a de um prestador de serviço público, com fins de servir ao cidadão: a “polícia, só tem malícia, sede de atrasar, gentalha/que deixa falha, merece salva de bala na cara” (RZO, “Real Periferia”)¹¹. E é esta a percepção que algumas letras de rep evidenciam, como essa do RZO – um dos grupos mais antigos e das maiores referências para o rep brasileiro –, que a polícia não existe para nos proteger.

É a instituição que, com fins de seguir a lei, age de acordo com a ação que reprime, certa de que a punição não virá, porque sua ação não é compreendida como

⁹ Disponível em: <<https://www.vagalume.com.br/cacife-clandestino/cidade-vazia.html>>

¹⁰ Disponível em: <<https://www.vagalume.com.br/racionais-mcs/magico-de-oz.html>>

¹¹ Disponível em: <<https://www.vagalume.com.br/rzo/real-periferia.html>>

exagero nem crime, quando o alvo é mulher/ homem preto, pobre, da favela. “A polícia medonha gosta é de fazer dinheiro/ Me extorque por maconha/ Discute a mesma bronha/ E vende a preço de pamonha na folga/ pra maconheiro”. Os versos são do rapper carioca Shawlin, um dos fundadores do grupo Quinto Andar, do qual faziam parte também os MCs Marechal e De Leve (Shawlin, “O teatro dos corruptos”)¹².

Violência como ação para coibir possíveis infrações. Infrações que são marcadas por resistência, pela indocilidade do trânsito por lugares avessos a determinados segmentos sociais. Infração marcada no gosto pela música, no estilo de se vestir e andar. Violência como estratégia de silenciamento de toda uma classe social. A poesia revoltada e extremamente contundente do excepcional MC Funkero realça a revolta de pertencer a um estado que, mais do que falhar nas suas políticas públicas, parece ter permanentemente como meta o genocídio de pobres:

Essa porra é um campo minado/ PM aplica pena de morte com aval do Estado/ Quem tá certo? Quem tá errado?/ Só sei que o alvejado é sempre o favelado/ Quantos irmãos tombaram cedo demais/ Favela vive sangrando, implorando por paz, paz! (Funkero, cypher “Favela Vive 2- ADL”)¹³

Alguns mecanismos de punição não passam pela violência física, mas agem de modo a criar no sujeito criminalizado o medo, a desistência. Dessa forma, a comunicação entre o Batalhão da PM e a Roda Cultural de Olaria é emblemática: os organizadores da Roda Cultural estiveram no batalhão do bairro, no início de janeiro deste ano, a fim de renovar a licença para a realização do evento. Porém, foram avisados de que a prefeitura da cidade havia denunciado a roda e a licença não seria renovada. O vídeo circulou pela rede social *facebook*, expondo a dificuldade de comunicação entre os poderes públicos e os produtores de arte urbana, e o quanto verticalizadas são as relações. Para além de um diálogo que não encontra lugar, o vídeo aponta para a necessidade de persistência, de renovação das ferramentas de combate.

Mas a fim de contrabalançar esses poderes que irrompem extravagantemente, como a não autorização a um evento de rua ou os que se apresentam de modo mais intimidador, como a presença ostensiva da PM ou da guarda municipal, ou um

¹² Disponível em: <<https://www.lettras.mus.br/shawlin/o-teatro-dos-corruptos>>

¹³ Disponível em: <<https://www.lettras.mus.br/adl-mcs/favela-vive-2-cypher/>>

carro da polícia militar que circula em torno das manifestações culturais, são acionadas resistências, como os vídeos e as rimas indicam. Fazem uso daquilo que Certeau chama de tática:

A ação calculada que é determinada pela ausência de um próprio. Então nenhuma delimitação de fora lhe fornece a condição de autonomia. A tática não tem por lugar senão o do outro. E por isso deve jogar com o terreno que lhe é imposto tal como organiza a lei de uma força estranha. Não tem meios para se manter em si mesma, à distância, numa posição recuada, de previsão e de convocação própria (...) (CERTEAU, 1998, p. 100).

Uma tática que se destacou na cidade do Rio de Janeiro foi a da Roda Cultural da KGL, quando impedida de acontecer pela guarda municipal, apesar de o organizador estar respaldado pelos documentos necessários. O público acompanhou o organizador, que fora levado à delegacia do bairro, e, lá chegando, formou-se uma roda de rima, cujo tema era repressão. Vários *freestyles* criativos foram elaborados e incentivaram um modo de resistir às arbitrariedades do patrulhamento municipal¹⁴.

O rep não só expõe a truculência policial, como também, as outras violências, um pouco mais simbólicas, como a rejeição dos taxistas aos clientes pretos, os de origem humilde, os que não estão de acordo com um estilo de se vestir e de se portar indicado por um catálogo normativo, hegemônico.

Assim, motoristas de táxi, ônibus (quando podem recusar passageiro, não parando no ponto) e outros serviços aguçam a situação de marginalização a que alguns segmentos são expostos cotidianamente. E denunciados pela virulência do discurso militante do rapper Emicida, um dos mais importantes nomes do rep brasileiro e também uma potência enorme na luta pela causa negra: “Por que a polícia para pra mim, e os taxistas não? Por que eu tenho que provar, que os meus bagulhos é meu? Se eu não comprei, quem me deu? E se eu gaguejo, fudeu!” (Emicida, “Intro - é necessário voltar ao começo”)¹⁵.

Reconhece-se a polícia como a ordem que, para além de atuar violentamente contra o corpo do eu-lírico, é destruidora das poucas conquistas que a favela obteve. Conquistas que se devem aos moradores. É a polícia a invasora que “fode”

¹⁴ Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=I0AyqD0L-nA>>

¹⁵ Disponível em: <<https://www.vagalume.com.br/emicida/intro-e-necessario-voltar-ao-comeco.html>>

com o espaço do morador, que tira o direito de ir e vir do cidadão favelado e ainda impede a realização de eventos culturais em desacordo com a sua compreensão de cultura. Dessa forma, espaços culturais alternativos, que são propagadores da cultura hip hop, sofrem constante repressão:

Não sou como esses filhos da puta que chegam com marra pra acabar com a cultura/ Com a cultura, meu mano, não tem caô, não vem esculachar trabalhador/ Tá ligado, parceiro, eles sobem lá na viela, pra tocar terror na nossa favela/ Tá ligado? É tudo farsa. Eles vêm aqui pra fuder com a nossa praça. (MC FP)¹⁶.

A Roda Cultural de Cabo Frio experimentou, certa vez, essa intervenção dos órgãos de repressão que dispensa certidões e licenças, trazendo, aos eventos de rep, uma lei própria, que determina se podem e como devem ser realizadas as atividades de rep.

O clima ficou tenso agora à noite na Roda Cultural de Cabo Frio, que reúne diversas manifestações artísticas na Praça da Bandeira, Passagem. Segundo informações dos organizadores, fiscais de postura da Prefeitura chegaram para desligar o som e parar o evento. No entanto, os artistas resistiram porque segundo a rapper Taz Mureb, a produção possuía o “Nada Opor” tanto na prefeitura quanto na Polícia Militar. (FISCAIS, 2015).

Ou a invasão do palco, onde estava sendo realizado show da banda Cone Crew, em 2015, por cerca de 15 policiais, com a acusação ao grupo de apologia às drogas (ALFANO, 2015). Não se põe em discussão aqui o conteúdo apologético ou não das músicas da banda – uma das mais criticadas por supostamente investir em temas mais afeitos a adolescentes e pelo relevo que dá a questões mais descomprometidas com as lutas sociais –, mas a franca e desrespeitosa forma de intervenção.

O que o ritmo e poesia, no Brasil, vem sublinhando é que há estruturas de poder cada vez mais amparadas legalmente, assentidas por um segmento da sociedade que investe em exclusão, truculência, fascismos e que se expandem por canais mais identificados com a vida cotidiana. Viver, para pretos, pobres, favelados, é uma batalha constante. Porém esse retrocesso no pensamento social, nas políticas públicas e na cultura exige, diariamente, disposição e barulho de grupos que não admitem serem silenciados e que fazem da arte um bom lugar para a luta!

¹⁶ Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=eBUU1ILSYio>>. Acesso em: 20 jun. .2015.

Referências

- ALFANO, Bruno. Vocalista do Cone Crew Diretoria é preso durante show acusado de apologia às drogas. *Extra*, 07 jun. 2015. Disponível em: <<http://extra.globo.com/casos-de-policia/vocalista-do-cone-crew-diretoria-preso-durante-show-acusado-de-apologia-as-drogas-16373524.html>>. Acesso em: 20 jan. 2017.
- BHABHA, Homi. *O local da cultura*. Trad: Myriam Ávila; Eliana Reis; Gláucia Gonçalves. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.
- CAMARGOS, Roberto. *Rap e política- percepções da vida social brasileira*. São Paulo. Boitempo, 2015.
- CANDIDO, Antonio. *Literatura e sociedade*. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2006.
- CANCLINI, Néstor G. *Culturas híbridas*. Trad. Ana Regina Lessa e Heloísa Pezza Cintrão. São Paulo. Edusp, 1998.
- CERTEAU, Michel. *A invenção do cotidiano- artes do fazer*. Petrópolis, Vozes, 1998.
- COELHO, Teixeira. *O que é ação cultural?* São Paulo, Brasiliense, 1989.
- DA MATTA, Roberto. *A casa e a rua – espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil*. Rio de Janeiro, Rocco, 1997.
- DO CAPÃO para o mundo. *Diário da Região*, São José do Rio Preto, 19 abr. 2015. Disponível em: <<http://www.diariodaregiao.com.br/vidaeestilo/comportamento/ferr%C3%A9z-projetou-se-como-uma-das-vozes-mais-ativas-da-literatura-marginal-1.172509>>. Acesso em: 11 ago. 2017.
- FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir – história da violência nas prisões*. Trad: Raquel Ramalheira. Petrópolis, Vozes, 1987.
- FELIX, João Batista. *Hip hop: cultura e política no contexto paulistano*. São Paulo. 2005. Tese (Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas) Universidade de São Paulo.
- FISCAIS da Prefeitura tentam acabar com Roda Cultural na Passagem. *Folha dos Lagos*, 21 jul. 2015. Disponível em: <<http://www.folhadoslago.com/cultura/cultura/fiscais-da-prefeitura-tentam-acabar-com-roda-cultural-na-passagem>>. Acesso em: 20 jun. 2017.
- HALL, Stuart. *Identidades culturais na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 1997.
- GONÇALVES, R. A. Rep e repressão: uma rima quebrada. *Música Popular em Revista*, Campinas, ano 5, v. 1, p. 54-69, jul.-dez. 2017.

_____. *Da diáspora: identidades e meditações culturais*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2003.

HERSCHMANN, Micael (org). *Abalando os anos 90*. Rio de Janeiro. Rocco, 1997.

MESQUITA, André Luiz. *Insurgências poéticas- Arte ativista e ação coletiva (1990-2000)*. Dissertação (Mestrado). USP. São Paulo, 2008.

RAP é o gênero mais ouvido do mundo, segundo Spotify. *Billboard Brasil*, 15 jul. 2015. Disponível em: <<http://www.billboard.com.br/noticias/rap-e-o-genero-mais-ouvido-do-mundo-segundo-spotify/>>. Acesso em: 22 jan. 2017.

SANTOS, Milton. *Território e sociedade – entrevista com Milton Santos*. São Paulo, editora Perseu Abramo, 1996.

SOUZA, M. L. O território: sobre espaço e poder, autonomia e desenvolvimento. In VIANNA, Hermano (org). *Galerias cariocas: territórios de conflitos e encontros culturais*. Rio de Janeiro. Editora UFRJ, 1997.

ZUMTHOR, Paul. *Introdução à poesia oral*. Trad. Jerusa Pires Ferreira; Maria Lucia Diniz Pochat; Maria Ines de Almeida. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

_____. *Performance, recepção e leitura*. São Paulo. Cosac & Naify, 2007.